

# O CONCEITO DE “WORLD ENGLISHES” EM UM LIVRO DIDÁTICO DE INGLÊS UTILIZADO NA ESCOLA PÚBLICA

Elias Ribeiro da SILVA<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é discutir como o conceito de *World Englishes* (KACHRU, 1985, 1990, 1992; RAJAGOPALAN, 2004, 2005) está sendo incorporado em materiais didáticos de inglês como língua estrangeira produzidos no Brasil. Analisa-se, especificamente, um livro didático de inglês amplamente utilizado em escolas da Rede Pública de Ensino (FERRARI e RUBIN, 2000) com vistas a (i) compreender como a indústria brasileira de livros didáticos de inglês incorporou ou está incorporando o discurso do *World Englishes* aos materiais produzidos; e (ii) discutir as possíveis implicações da abordagem do tema pelo livro didático para alunos e professores.

**Palavras-chave:** Ensino/Aprendizagem de Inglês; Livro Didático; *World Englishes*.

**ABSTRACT:** The aim of this paper is to discuss how the concept of *World Englishes* (KACHRU, 1985, 1990, 1992; RAJAGOPALAN, 2004, 2005) has been incorporated into Brazilian teaching materials for the teaching of English as a foreign language. Specifically, it is analyzed a textbook widely used in Brazilian Public Schools (FERRARI e RUBIN, 2000) with the objective of (i) to understand how the Brazilian industry of English textbooks has incorporated or is incorporating the discourse of *World Englishes* into teaching materials; and (ii) to discuss the possible implications of the approaching of this subject by textbooks for students and teachers.

**Keywords:** Teaching and Learning of English; Textbooks; World Englishes.

## 1. Considerações iniciais

A expansão internacional da língua inglesa foi um dos grandes temas do século XX e, a julgar pelo grande número de pesquisas dedicadas ao assunto nos últimos anos, será uma questão importante também neste século. Como aponta Spolsky (2004), a primeira grande obra dedicada ao assunto foi o livro *The Spread of English: The Sociology of English as an Additional Language*, organizado por Fishman, Cooper e Conrad, em 1977. Nas décadas seguintes, autores de diferentes nacionalidades e orientações teóricas se dedicaram ao tema.

Como firma Wardhaugh (1987), a expansão da língua inglesa tem sido pensada, majoritariamente, a partir de duas posições teóricas antagônicas: a primeira postula sua neutralidade ideológica a partir de seu suposto *status* de língua franca, enquanto a segunda a vincula aos interesses políticos e econômicos de países como Estados Unidos e Inglaterra e à perpetuação de desigualdades socioeconômicas em países subdesenvolvidos ou em via de desenvolvimento, notadamente naqueles que estão ou estiveram sob influência direta ou indireta desses dois países. Como exemplo da primeira perspectiva, podem-se citar os

---

<sup>1</sup> Aluno de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do IEL/UNICAMP. Bolsista CNPq (Processo n.º. 140306/2007-2). E-mail para contato: ribeirodasilva.elias@gmail.com.

trabalhos de Conrad e Fishman (1977) e Crystal (1997). Os trabalhos de Phillipson (1992) e Pennycook (1994) são exemplos da segunda perspectiva.

Nos últimos anos, no entanto, vem se consolidando uma forma alternativa de se pensar o papel da língua inglesa no mundo contemporâneo. Autores como Canagarajah (1999), Moita Lopes (2008) e Pennycook (2007, 2010), entre outros, têm discutido a situacionalidade da língua inglesa a partir da ideia de empoderamento dos grupos periféricos via língua inglesa. Nessa perspectiva, o inglês deixa de ser a língua do outro e passa a integrar o repertório linguístico das comunidades locais.

Essa proposta está fortemente vinculada ao trabalho desenvolvido nas últimas décadas por Braj Kachru a partir do conceito de *World Englishes* (KACHRU, 1985, 1990, 1992; KACHRU, KACHRU e NELSON, 2009). Em linhas gerais, Kachru propõe que o inglês falado nos chamados países periféricos não pode ser entendido simplesmente como uma variante dialetal, pois, para o autor, as variedades regionais da língua inglesa não se distinguem do chamado “inglês padrão” somente no que se refere ao léxico e aos padrões fonéticos e fonológicos. As variedades regionais do inglês apresentariam, segundo o autor, bases pragmáticas próprias.

Como aponta Rajagopalan (2004, 2005), não se trata simplesmente de se constatar que a língua inglesa se tornou uma *lingua mundi* ou uma língua internacional. Para o autor,

[a] língua inglesa que circula no mundo, que serve de meio de comunicação entre os diferentes povos do mundo hoje, não pode ser confundida com a língua que se fala nos Estados Unidos, no Reino Unido, na Austrália ou onde quer que seja (RAJAGOPALAN, 2005, pp. 150-151).

Trataria-se, na realidade, de uma outra língua: o *World Englishes* (WE), a qual pertence a todos aqueles que a usam e não mais aos falantes nativos do inglês padrão. Assim entendido, o conceito de WE questiona a prerrogativa dos falantes nativos da língua inglesa no que se refere ao destino da língua, bem como a ideia tradicional de que ser proficiente em inglês equivaleria a falar como um nativo (o mito do *native like speaker*). Coloca-se em questão, portanto, conceitos fundamentais para a indústria internacional de ensino/aprendizagem de inglês como língua estrangeira. Não é mais necessário falar como um falante nativo, ideal que orientou e orienta os processos de ensino/aprendizagem de muitos professores e estudantes brasileiros. Se e quando necessário, opera-se globalmente com o inglês local.

Partindo da constatação de que o conceito de WE já está sendo operacionalizado pelo mercado editorial brasileiro de materiais didáticos de inglês, objetiva-se, neste artigo, analisar

um livro didático de inglês como língua estrangeira amplamente utilizado na Rede Pública de Ensino com vistas a: (i) compreender como a indústria brasileira de livros didáticos de inglês incorporou ou está incorporando o discurso do *WE* aos materiais produzidos; e (ii) discutir as possíveis implicações da abordagem do tema pelo livro didático para alunos e professores.

A análise do funcionamento discursivo dessa questão em livros didáticos justifica-se dada a centralidade do livro didático no interior do sistema educacional público brasileiro e tendo em vista o fato de que o livro didático constitui-se como um “artefato discursivo” que legitima alguns sentidos e exclui outros. Assim, compreender como o mercado editorial brasileiro de livros didáticos está operacionalizando o conceito de *WE* é fundamental para que se entenda como a sociedade brasileira contemporânea percebe (e perceberá) o papel dessa língua no contexto brasileiro e mundial contemporâneo.

## **2. O *World Englishes* no livro didático brasileiro de inglês como língua estrangeira**

Analisa-se, neste artigo, um livro didático brasileiro de inglês como língua estrangeira amplamente utilizado na Rede Pública de Ensino (FERRARI e RUBIN, 2000<sup>2</sup>). O livro é composto por vinte e quatro unidades e se destina às três séries do Ensino Médio. Quanto à habilidade linguística enfatizada, afirma-se, na apresentação, que “[o] curso inclui a prática das habilidades de leitura, escrita, expressão e compreensão oral, sendo a ênfase dirigida à compreensão de textos, devido à sua prioridade em nossas escolas”. Dada essa ênfase no desenvolvimento da habilidade de leitura, todas as unidades são organizadas a partir de um texto inicial que geralmente versa sobre temas atuais. Sobre a seleção de temas, afirma-se, na contracapa do livro, que

[e]sta obra propõe textos e atividades que farão o aluno refletir sobre o mundo em que vive e seu papel na sociedade. Para atingir esse objetivo, a coleção foi orientada por dois princípios: a escolha de temas atuais e instigantes para o jovem e um grande número de atividades em que se exigirá seu posicionamento ou sua participação ativa.

A partir da análise dos textos que compõem as vinte e quatro unidades desse livro, constatou-se que, em duas delas, aborda-se a questão do papel da língua inglesa na atualidade. A primeira delas é a Unidade I e se intitula *English, an International Language* (p. 6-23). A

---

<sup>2</sup> É importante esclarecer que esse livro didático vem sendo reeditado desde o ano 2000, ano da edição em análise, sem modificações.

segunda ocorrência do tema se dá na Unidade IV, a qual se intitula *A Music Sanctuary: Hard Hock Cafe* (p. 50-65).

Em linhas gerais, pode-se afirmar que, nas duas unidades, a abordagem do tema da expansão da língua inglesa alinha-se à posição corrente de que o inglês teria atingido a condição de língua franca, de língua internacional. No primeiro caso (Unidade I), particularmente, esse alinhamento já transparece no título da unidade: *English, an International Language*, razão pela qual a análise será desenvolvida a partir dessa unidade.

Considere-se, inicialmente, a Figura 1 abaixo:



(Figura 1: Imagem que compõe o texto da Unidade I - p. 6)

Uma das características do livro didático em análise é a associação de textos verbais e não-verbais. Parece tratar-se daquilo que Shohamy (2006) denomina de *linguaging*, isto é, a associação de diferentes significantes visando transmitir um mesmo significado. A Figura 1,

acima, juntamente com o texto verbal que a sucede (Figura 2, abaixo), constitui o texto (em sentido *lato*) a partir do qual as atividades da unidade serão organizadas.

A ideia de que o inglês é uma língua internacional, já enunciada no título do texto, é desenvolvida e ampliada na imagem. Como se pode observar, logo abaixo do título, há uma figura na qual se observa um globo terrestre circundado por bandeiras de diferentes países (nem todos falantes de inglês) e, sobre esse globo, paira um pombo branco com as asas abertas. Embora todos os continentes estejam ali representados, o continente americano ocupa o centro do globo, com destaque para a América do Norte.

A análise dessa figura autoriza afirmar que há uma filiação do livro didático ao discurso da língua inglesa enquanto língua internacional, língua franca. A ideia de que o inglês é a língua de todos e a língua da democracia é reforçada pela imagem do pombo branco que paira sobre o globo, principalmente em se considerando que o pombo branco é o símbolo internacional da paz. Essa interpretação parece ser consistente tendo em vista que, ao redor do globo, há bandeiras de países falantes de inglês (Estados Unidos, Inglaterra, Canadá etc.) e de países não falantes dessa língua (Japão, Dinamarca, Islândia etc.).

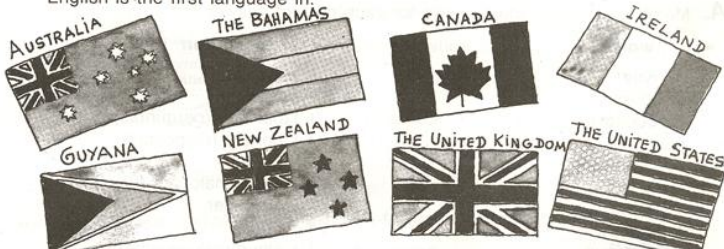
Poderia-se afirmar, ainda, que se objetiva vincular a língua inglesa (enquanto língua internacional) à busca da paz mundial, o que o pombo branco parece indicar. Essa análise ganha força quando se atenta para a presença, no círculo de bandeiras, do pavilhão da extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (nona bandeira em sentido horário). Como se sabe, a União Soviética foi, durante boa parte do século XX, o maior opositor dos Estados Unidos, envolvendo-se ativamente na Guerra Fria. Um último dado a se considerar nesse sentido é o fato de a bandeira soviética aparecer nessa imagem em um livro publicado no ano 2000, aproximadamente uma década após o fim da União Soviética.

As considerações desenvolvidas a partir da Figura 1 são, de forma geral, reafirmadas no texto que a sucede (Figura 2, abaixo). Enquanto, no texto visual (Figura 1), a ideia de que o inglês é uma língua mundializada é construída por meio de referências a símbolos e fatos históricos e, portanto, depende de inferências por parte do leitor, essa ideia é enunciada explicitamente no texto verbal (Figura 2). Logo no segundo parágrafo, atribui-se de forma categorial o *status* de língua internacional ao inglês. Seria justamente sua condição de “principal língua internacional” que justificaria sua aprendizagem.

Observe-se, por outro lado, o surgimento, nos três primeiros parágrafos, de uma ideia que não está aparente na Figura 1, isto é, o estabelecimento de uma relação entre “mundo globalizado” e “língua inglesa”, uma vez que se enfatiza a importância dessa língua para se

atuar nesse cenário. Observe-se que a relação língua inglesa-globalização também tem sido amplamente explorada em propagandas de Institutos de Idiomas.

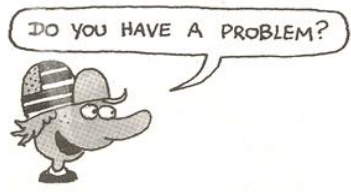

Why learn English?  
 Because English is the most important international language in the world. Some facts prove that: English is the international language of air and sea travels, of computing, of pop music, of politics, of science and medicine, sports, TV and films.  
 The world today is a very small place. Communication and travel are extremely quick: think of jet planes, satellite TV, telephones, telex and fax, for example.  
 Because of this, we need a common language, and this language is English.  
 English is the first language in:



And it is the official second language in many other countries like: India, Nigeria, South Africa, Israel...

English is slowly becoming more than one language, because in every country it is spoken there are differences in some vocabulary words, in some grammatical structures.  
 British English and American English: What is different? Let's see some differences:

American English	British English
apartment	flat
automobile	car
cab	taxi
candy	sweet
gas	petrol
mail	post
elevator	lift
stove	cooker
subway	underground
vacation	holiday

7

(Figura 2: Segunda parte do texto da Unidade I - p. 7)

No segundo parágrafo, justifica-se a aprendizagem de inglês afirmando-se que se trata da “mais importante língua internacional”, sendo que, em seguida, são elencados os setores em que essa língua é hegemônica. O fato de a língua inglesa ser dominante em diferentes setores provaria seu *status* de língua dominante e justificaria sua aprendizagem. Assim, as próprias implicações do papel hegemônico do inglês no cenário internacional são utilizadas como argumento para justificar sua aprendizagem.

Como se pode observar na Figura 2, o primeiro parágrafo do texto é constituído pela questão “Why learn English?”<sup>3</sup>. Respondendo a essa questão, afirma-se, no quarto parágrafo do texto, que “Because of this [a globalização do mundo moderno], we need a common language, and this language is English”<sup>4</sup>. Em seguida, lista-se alguns dos países em que o inglês é a primeira língua ou a segunda língua oficial sem fazer nenhum tipo de referência à realidade plurilíngue dessas nações.

Ao afirmar que o inglês é a primeira língua em países como Estados Unidos e Reino Unido (mencionado como sendo um único país e não como a união de quatro países), cria-se a falsa impressão de que todos os habitantes dessas regiões têm o inglês como primeira língua, o que, como se sabe, não é a realidade. Desconsiderando-se os conflitos geopolíticos e linguísticos que caracterizam o Reino Unido e focalizando-se somente a realidade linguística de Londres, estimativas indicam que somente na região metropolitana da capital inglesa são faladas aproximadamente seiscentas línguas diferentes. Na mesma direção, levantamentos oficiais mostram que muitas comunidades de imigrantes falam inglês como língua estrangeira e, na melhor das hipóteses, como segunda língua.

Assim, o texto mascara a realidade linguística dos países mencionados e as questões políticas, econômicas e sociais a ela relacionadas. É importante lembrar, nesse sentido, que o texto em análise faz parte da primeira unidade do livro didático, a qual, tradicionalmente, destina-se a justificar a aprendizagem de língua estrangeira e a motivar os alunos a aprendê-la.

No que se refere ao *status* de língua internacional conferido ao inglês, afirma-se: “English is slowly becoming more than one language, because in every country it is spoken there are differences in some vocabulary words, in some grammatical structures”<sup>5</sup>. Nesse excerto, surge o tema da mundialização da língua inglesa e, poder-se-ia pensar, do *WE*. Como se pode observar, o livro didático ratifica a ideia de que o inglês tornou-se uma língua mundializada ou “mais de uma língua”.

A parte final do texto é destinada à apresentação de exemplos de variantes linguísticas do inglês, o que corroboraria a tese do *WE* e da condição supranacional atingida pelo inglês na modernidade. A fim de demonstrar a variação linguística do inglês, é arrolada uma lista de palavras em inglês norte-americano e seus correlatos na variante britânica. Curiosamente, o

---

<sup>3</sup> “Por que aprender inglês”? As traduções são de responsabilidade do autor.

<sup>4</sup> “Em consequência disso [a globalização do mundo moderno], nós precisamos de uma língua comum e essa língua é o inglês”.

<sup>5</sup> “O inglês está, lentamente, se transformando em mais de uma língua, pois, em cada país que ele é falado, há diferenças no vocabulário e em algumas estruturas gramaticais”.

livro didático elege como exemplos de variação do inglês somente as variantes britânica e norte-americana.

Uma primeira questão a se observar é que o livro didático parte do pressuposto de que o inglês é a única língua falada nesses “países” e que só existe uma variante dialetal em cada um deles, ou seja, existiria uma “coisa” chamada “inglês norte-americano” e outra chamada “inglês britânico”. Algo semelhante ocorre do ponto de vista da constituição étnica dessas regiões. Como se pode observar na Figura 2, ao apresentar exemplos de variantes sintáticas, é utilizada uma representação tradicional, estereotipada, do adolescente inglês e norte-americano: branco, anglo-saxão. Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que afirma que o inglês está se tornando mais de uma língua, o livro didático reforça o vínculo da língua inglesa com a Inglaterra e os Estados Unidos, vínculo que parece habitar o imaginário do brasileiro.

Ainda em relação à suposta unidade linguística e cultural de Inglaterra e Estados Unidos, pesquisas realizadas com estudantes brasileiros de inglês revelam que é frequente entre os membros desse grupo a representação dos Estados Unidos como um país monolíngue e monocultural (SILVA, 2003). Uma questão que emerge dessa discussão diz respeito a quais seriam as “fontes” dessas representações. Com base nas questões discutidas acima, uma possível resposta teria, obrigatoriamente, que incluir os materiais didáticos.

Voltando ao livro didático em questão, a ideia de que o inglês é uma língua internacional aparece também na Unidade IV, a qual tem como tema as lojas do *Hard Rock Cafe*. O texto tem início com o seguinte parágrafo: “People need an international language to do business, to travel, to study sciences, technology, etc. This language is English” (FERRARI; RUBIN, 2000, p. 51)<sup>6</sup>. Embora esse excerto somente reitere o que já foi dito a partir das figuras 1 e 2, é notável o fato de o *status* de língua internacional conferido à língua inglesa ser tomado como evidência, como fato concreto. Não há, por exemplo, nenhuma referência aos fatos históricos que alçaram o inglês à condição de língua internacional.

### 3. Considerações finais

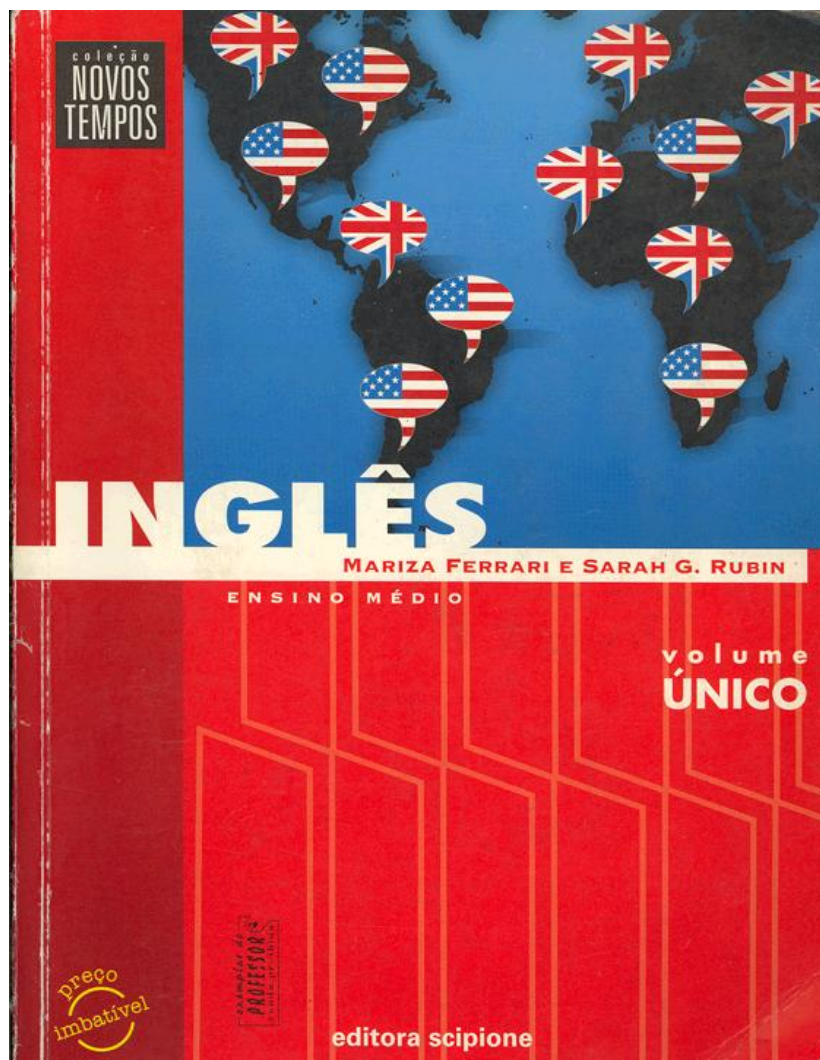
Com base na análise realizada ao longo da seção anterior, pode-se afirmar que, ao mesmo tempo em que sugere que o inglês é uma língua mundializada (a existência de vários “inglese” seria uma evidência disso), o livro didático em análise reforça a relação Língua

---

<sup>6</sup> “As pessoas precisam de uma língua internacional para fazer negócios, para viajar e para estudar Ciências, Tecnologia etc. Essa língua é o inglês”.



Inglesa - Estados Unidos/Inglaterra. Dito de outra forma, afirma-se o *WE*, mas lhe é atribuído um dono: norte-americanos e inglês brancos e anglo-saxões. Dessa forma, pode-se afirmar que, se por um lado, o livro didático em foco afirma que o inglês é uma língua internacional, reconhecendo inclusive a existência de variedades locais, aproximando-se assim da proposta do *WE*, por outro lado, ele nega aquela que, segundo Rajagopalan (2004, 2005), é sua principal característica, isto é, o fato de ele não pertencer a ninguém, ou de pertencer a todos aqueles que o utilizam no seu dia a dia. No livro didático, o inglês pertence aos Estados Unidos e à Inglaterra. A imagem da capa do livro (Figura 3, abaixo) torna essa relação de propriedade evidente. Como se pode observar, são bandeiras norte-americanas e inglesas que indicam a presença do inglês nas diferentes partes do mundo.



(Figura 3: Capa do livro didático analisado)

Pode-se afirmar, então, que o livro didático em análise não assume, de fato, o conceito de *WE* (e a negação da prerrogativa do falante nativo, como destaca Rajagopalan (2004, 2005)), mas, ao contrário, reafirma, ao mesmo tempo, a ideia de que o inglês pertence a um estereótipo de “norte-americanos” e “ingleses” e a ideia de que ele tornou-se uma língua franca (é a língua que une os povos, a língua da paz mundial, como o pombo branco da Figura 1 indica)<sup>7</sup>.

A compreensão dessa aparente contradição passa pela forma como a língua inglesa é representada no imaginário brasileiro. Por um lado, trata-se da língua da aldeia global e que possibilita o acesso a uma vida global, ideia frequente em materiais de ensino de inglês e em peças publicitárias de Cursos Particulares de Idiomas. Assim, para ir ao encontro dessa representação, fala-se em inglês língua internacional ou língua franca. Por outro lado, no imaginário brasileiro, a língua inglesa é fortemente relacionada aos Estados Unidos (RAJAGOPALAN, 2003, 2009) e à Inglaterra. Daí a negação do *WE* e a afirmação do vínculo língua inglesa – Estados Unidos/Inglaterra.

Pode-se afirmar, em conclusão, que o livro didático em análise reproduz as representações sobre a língua inglesa que habitam o imaginário brasileiro e, dessa forma, atua na perpetuação do valor simbólico dessa língua no imaginário social.

#### 4. Referências Bibliográficas

CANAGARAJAH, A. Suresh. **Resisting Linguistic Imperialism in English Teaching**. Oxford, UK: New York, USA: Oxford University Press, 1999.

CONRAD, Andrew W.; FISHMAN, Joshua A. English as a World Language: The Evidence. In: FISHMAN, J. A.; COOPER, R. L.; CONRAD, A. W. **The spread of English: The Sociology of English as an Additional Language**. Rowley Massachusetts: Newbury House, 1977. p. 3-76.

CRYSTAL, David. **English as a Global Language**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1997.

FERRARI, Mariza Tiemann; RUBIN, Sarah Giersztel. **Inglês: volume único: ensino médio**. São Paulo, SP: Editora Scipione, 2000. (Coleção Novos Tempos).

FISHMAN, J. A.; COOPER, R. L.; CONRAD, A. W. **The spread of English: The Sociology of English as an Additional Language**. Rowley Massachusetts: Newbury House, 1977.

---

<sup>7</sup> Vale lembrar, nesse sentido, que foi justamente o conceito de *língua franca* que desencadeou as críticas dirigidas a Conrad e Fishman (1977). Phillipson (1992), por exemplo, afirmou que esse conceito é comprometido com uma ideologia e com uma forma específica de pensar a expansão internacional da língua inglesa.

KACHRU, Braj B. Standards, codification and sociolinguistic realism: the English language in the outer circle. In: QUIRK, Randolph; WIDDOWSON, Henry G. (Ed.). **English in the world: Teaching and learning the language and literatures**. London e New York: Cambridge University Press, 1985. p. 11-30.

KACHRU, Braj B. **The alchemy of English: The spread, functions, and models of non-native Englishes**. Urbana e Chicago: University of Illinois Press, 1990. 200 p. (English in the Global Context).

KACHRU, Braj B. **The other tongue: English across cultures**. 2<sup>nd</sup> ed. Urbana e Chicago: University of Illinois Press, 1992. 384 p. (English in the Global Context).

KACHRU, Braj B.; KACHRU, Yamuna; NELSON, Cecil L. (Ed.). **The handbook of world Englishes**. Malden e Oxford: Blackwell Publishing, 2009. 811 p.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: Ideologia linguística para tempos híbridos. In: *D.E.L.T.A.: Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*. Vol. 24, n. 2/2, 2008, pp. 309-340.

PENNYCOOK, Alastair. **The Cultural Politics of English as an International Language**. London, UK; New York, USA: Longman, 1994.

PENNYCOOK, Alastair. **Global Englishes and Transcultural Flows**. New York: Routledge, 2007. 189 p.

PENNYCOOK, Alastair. **Language as a Local Practice**. London e New York: Routledge, 2010. 167 p.

PHILLIPSON, Robert. **Linguistic Imperialism**. Oxford, UK: Oxford University Press, 1992.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. The Ambivalent Role of English in Brazilian Politics. In: **World English**. v. 22, n. 2, pp. 91-101 Boston, USA: Blackwell Publishing, 2003.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. The Concept of 'World English' and its Implication for ELT. In: **ELT Journal**. v. 58, n. 2, pp. 111-117. Oxford, UK: Oxford University Press, 2004.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil. In: LACOSTE, Ives.; RAJAGOPALAN, Kanavillil. (Org.) **A geopolítica do inglês**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2005, pp. 135-159. (Lingua[gem]; 13).

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Introdução à Política Linguística. Minicurso ministrado durante o XIX Instituto de Linguística, 2009, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa (PB), 2009.

SHOHAMY, Elana. **Language Policy: Hidden agendas and new approaches**. London and New York: Routledge, 2006.

SILVA, Elias Ribeiro da. **A ideologia no ensino de inglês como língua estrangeira em três diferentes contextos escolares**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, UNESP, São José do Rio Preto, 2003.

SPOLSKY, Bernard. **Language Policy**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2004 (Key topics in sociolinguistics).

WARDHAUGH, Ronald. **Language in Competition: Dominance, Diversity and Decline**. New York: Basil Blackwell in association with André Deutsch, 1987. 280 p. (The language library).